

Do singular ao plural – história e desdobramentos do catolicismo em Belo Horizonte: 1970 - 1980

Mauro Passos*

Resumo

Este estudo analisa o movimento do catolicismo em Belo Horizonte, a partir de diversos atores históricos no arco de tempo de 1970-1980, considerando as rupturas e permanências que circunscrevem sua história. Várias questões norteiam o trabalho, tais como: o que une os diversos atores em torno de trajetórias coletivas? Como cristãos se constroem como sujeitos históricos? Que dilemas enfrentam para equacionar fé e política? Como entrelaçar o movimento religioso com as questões sociais? Após o Concílio Vaticano II, novas experiências foram feitas no campo religioso, por um lado. Por outro, surgiram também conflitos e problemas. O catolicismo foi abrindo novos caminhos em sua prática e em seu movimento. Tudo isso traduzia a necessidade de unir fé e ação. A tessitura de uma nova história começava seu trajeto.

Palavras chave: Catolicismo, Sociedade, História

Abstract

This article analyses the Catholic movement in Belo Horizonte, MG, Brazil, using several historical players who acted during the period 1970-1980, taking into consideration the ruptures and continuities which circumscribe its history. A lot of questions guide this text: what bound those several players around a common path? How did Christians build themselves as historically acting subjects? What to do to match the religious movement with social issues? After the Second Vatican Council, new experiments were attempted on the religious field; on the other side, conflicts and problems arose. Since then, Catholicism went opening new ways in its practice and in its movement. All these issues expressed the need for uniting faith and action. The weaving of a new history then began its course.

Keywords: Catholicism, Society, History

**Vivendo, se aprende;
mas o que se aprende, mais,
é só a fazer outras
maiores perguntas.**
(Guimarães Rosa)

Neste trabalho faço uma análise do catolicismo em Belo Horizonte, especialmente sua inserção nas questões políticas e sociais. O novo lugar que, progressivamente, o catolicismo foi ocupando na sociedade, neste período, modificou seu perfil. Vários estudos tratam deste tema (PAIVA, 1981; BENEDETTI, 2000) e afirmam a dificuldade de uma compreensão

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutor em Ciências da Educação e Professor do Mestrado em Ciências da Religião

sociológica da Igreja Católica, considerando sua complexidade, enquanto instituição universal.

Neste trabalho não pretendo indicar o que é apenas novo no campo religioso católico. A estrutura religiosa tem suas raízes na história e, por isso, conta com o peso das tradições, dos costumes, do imaginário. Dois aspectos fundamentais, em decorrência dessa ordem histórica, caminham juntos – o estático e o dinâmico. A renovação deve-se, em grande parte, ao impulso do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín em 1968.

O perfil institucional do catolicismo foi sendo alterado. A instituição eclesiástica começava abrir novos horizontes em sua práxis. A articulação com o universo social é um aspecto importante para a compreensão da história religiosa. Com esse procedimento, é possível analisar de forma crítica esse período. Trata-se de um período bastante ambíguo, pois a realidade que circunda o catolicismo intriga seu percurso no contexto brasileiro. O final da década de 1969 e o início da década de 1970 marcam um novo caminho do catolicismo em nível mundial e nacional. O desenrolar dos fatos confirma esse catolicismo de movimento.

Este trabalho é o resultado parcial de uma pesquisa em fase de conclusão na periferia de Belo Horizonte ¹, nos bairros Sol Nascente, Lindéia e na cidade de Ibité. Estarei privilegiando a nova política das pastorais do catolicismo na periferia de Belo Horizonte, particularmente na região da Cidade Industrial. Em sintonia com a Conferência Episcopal em Medellín (1968), uma parcela da Igreja latino-americana e do Brasil começou a atuar junto com as camadas populares. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram um espaço significativo de organização e mobilização popular, lutando e buscando melhores condições de vida para a população. Isso ocorreu nesta região da capital mineira e atravessou a década de 1970 e 1980.

O envolvimento do catolicismo nas questões sociais contribuiu para renovar sua própria prática. Trata-se, na realidade, de um tema concreto, vital. As conquistas alcançadas foram antecipadas por lutas e desafios a serem respondidos. Estarei privilegiando a atuação dos militantes católicos progressistas, particularmente na região industrial de Belo Horizonte.

¹ Trata-se de uma pesquisa que estou desenvolvendo na região industrial de Belo Horizonte intitulada: “Depois do dilúvio a bonança? Do movimento político às novas formas de crer no campo religioso de Belo Horizonte (1970 / 1990), com bolsa da PUC Minas.

1. As imagens primeiras

A articulação com o universo social é um aspecto importante para a compreensão da história religiosa. Com esse procedimento, é possível analisar de forma crítica esse período. Como um exercício de interpretação, compreensão do seu movimento e articulação com os acontecimentos católicos, em nível nacional e internacional. Trata-se de um período bastante ambíguo, pois a realidade que circunda o catolicismo intriga seu percurso no contexto brasileiro.

A Arquidiocese de Belo Horizonte tem em seu entorno várias cidades, algumas maiores colocadas na capital e outras tipicamente do interior. A população apresenta um crescimento nesse período, particularmente na região metropolitana. Em 1970, Belo Horizonte tinha 1.253. 194 habitantes, em 1980: 1.780.839, em 2000: 2.238.526 habitantes. Tratando-se especificamente da Arquidiocese de Belo Horizonte, contava em 2004 com uma população aproximada de 4.216.719 habitantes, com 75% de católicos. O território da diocese é de 7.240 km.2, organizado em 257 paróquias, sendo 137 na cidade de Belo Horizonte.

Na maioria as pessoas vinham / vêm do interior do Estado, sem recurso, sem trabalho e sem escolarização. Isso nos permite imaginar, em linhas gerais, o quadro geral com toda sua complexidade, sob o aspecto social, familiar e religioso. Atualmente a Arquidiocese conta com mais ou menos 1.500 comunidades, a maioria em paróquias da periferia da capital ou de cidades do interior.

Em 1971 o Pe. Paulo Belém Rocha organizou a 3^a. edição do manual: “Igreja para servir”- A Pastoral na Arquidiocese de Belo Horizonte, em comemoração aos 50 anos da criação da diocese. Era uma iniciativa que atendia às mudanças advindas com o Concílio Vaticano II. O manual está dividido em duas partes – A Igreja no Brasil e A Igreja na Arquidiocese de Belo Horizonte. Dá-se grande importância à participação do clero, dos leigos na pastoral evangelizadora. O texto demonstra um conjunto de idéias e práticas articuladas com a Igreja Universal:

A Arquidiocese de Belo se alegra imensamente com a publicação desta nova edição da “Igreja Para servir”. É uma das mais oportunas realizações dentre as que marcam nossas celebrações jubilares. Saber quantos somos, quem somos, que fazemos, para onde caminhamos e, sobretudo, como queremos caminhar, com a Igreja, no mundo de hoje.

Com essa intenção, o Arcebispo, Dom João Resende Costa, pontuava a importância de estar em sintonia com a Igreja, período em que no Brasil o I Plano de Pastoral de Conjunto da

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 1971, realizou-se em Belo Horizonte a XII Assembléia Geral da CNBB, com a aprovação dos novos estatutos, do II Plano de Pastoral de Conjunto e posse da nova presidência. Essa Pastoral indica um caminho diferente com respeito ao lugar e ao papel da Igreja diante da realidade histórica, social e econômica. No entanto, não se pode idealizar esse período, pois estava carregado de tensões, conflitos, problemas, divergências na hierarquia e no laicato.

A pastoral buscou uma moldura mais aderente à vida e à prática. Trouxe para uma parte da Igreja de Belo Horizonte um exercício de militância, frente às questões sociais, políticas e econômicas. Essas questões pediam, de fato, a orientação religiosa numa dimensão política. Os caminhos que orientaram esse redimensionamento vieram, de um lado, da difícil realidade social e, por outro, da abertura dada pela própria instituição religiosa. O II Plano de Pastoral de Conjunto apresenta 6 linhas de ação e, declara na linha 6, sobre a “Presença da Igreja no Mundo”:

A Igreja, depositária de intérprete da Revelação, situa-se e opera no mundo não como uma organização isolada e rival de outras sociedades, senão como fermento evangélico inserido na humanidade. “Falsa, pois, é a imagem da Igreja fechada na sacristia. A Igreja não se pode dissociar da vida do mundo”.

Neste aspecto, a pastoral possui uma acentuação fortemente social e abre espaço para os cristãos leigos realizarem uma nova evangelização cuja bandeira acentua a justiça, a libertação, os direitos sociais e humanos. E isso não é uma iniciativa contrária à hierarquia, mas em estreita conexão com o projeto de Pastoral de Conjunto, apoiado pela CNBB.

Nesse caminho, temos que considerar o ano de 1968, em nível mundial – o movimento estudantil, as denúncias da Igreja diante da ideologia da segurança nacional, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín e, em sentido oposto o Ato Institucional no. 5. Vários grupos, agentes de pastoral, teólogos, padres intelectuais e trabalhadores não se conformaram com essa situação e debruçaram-se sobre esses problemas, em busca de soluções alternativas. As conclusões da Conferência de Medellín consagraram também as novas iniciativas de grupos de padres, bispos e agentes de pastoral. Dez anos mais tarde, em Puebla, a III Conferência reafirmou essas posições e fez uma clara opção profética, preferencial e solidária com os pobres.

2. Cruzamentos e travessias

Pretendo descrever e analisar o movimento de algumas comunidades religiosas na região industrial de Belo Horizonte, na década de 1970, e não fazer uma história desse período. Para isso, farei uso de vários dados, inclusive, alguns depoimentos orais de militantes políticos, agentes de pastoral e padres que trabalharam neste nessa região. Várias motivações e projetos, desenvolvidos em outras regiões, tiveram também suas influências, pois eram formas de organização, luta, resistência e reação popular. A divulgação e troca de experiências foram importantes nesse período, como também o grande número de publicações, reuniões, encontros e outras formas de movimento. Nesse sentido, destaco os pronunciamentos da CNBB, principalmente, os documentos de cunho social e político.

São práticas discursivas, pois expressam interesses, demandas e traduzem maneiras novas de ação, como também formas de compreender as práticas existentes. Portanto, não significam apenas documentos. Traçam um discurso para as ações e se relacionam com outras ações e outros discursos. Isso significa que o documento escrito não é simples registro histórico, é parte integrante da prática. Segundo Michel de Certeau: “Um discurso ‘científico’ que não fala de sua relação com o ‘corpo’ social não seria capaz de articular uma prática” (CERTEAU, 1995: 22).

Situado entre morros e curvas, estão os bairros Sol Nascente, Tirol, Vale do Jatobá, Whashington Luís, Lindéia e a cidade de Ipirité. Darei destaque ao bairro Sol Nascente e à cidade de Ipirité, pois neles estou realizando a pesquisa que citei anteriormente. Na década de 1970 ainda eram habitados por poucas famílias vindas do interior. Vindos da roça, começaram a trabalhar na cidade, nas fábricas e a ocupar o espaço que ficava distante do centro da capital e da região das indústrias, pois os ônibus eram raros. No Sol Nascente era preciso andar um pouco nas trilhas para alcançar o loteamento que sempre demorava a chegar. Barracos, poucos loteamentos, lixo, animais, crianças brincando perto de um esgoto a céu aberto, um salão em construção onde as pessoas se encontravam para rezar, fazer suas reuniões, são lembranças que me levam à década de 1970. As filas grandes às 6:00 h e os ônibus que chegavam carregados de jovens, senhores e algumas senhoras a partir das 18:00 h, quando saíam das fábricas ou de outros locais de trabalho, como a construção civil.

O salão-igreja era o espaço onde as pessoas se encontravam. Trouxeram de seus universos de origem as Conferências Vicentinas, as tradições religiosas das primeiras sextas-feiras e as coroações do mês de maio. A religião tinha uma função socializadora, tanto para

as celebrações como para outras situações e momentos da vida. Como a maioria da população era de católicos, esse motivo congregava as pessoas.

Na perspectiva do movimento nessas comunidades, quero ressaltar os seguintes aspectos:

1º.) Os agentes e as formas de organização pastoral

2º.) Ação pastoral

3º.) A prática sócio-pastoral

O trabalho na região industrial de Belo Horizonte foi-se organizando paralelamente à estrutura paroquial. Um grupo de ex-seminaristas, professores, psicólogos, sociólogos, pessoas que participaram da Ação Católica investiram nesse trabalho. Esse grupo se reunia semanalmente, estudava e foi formando lideranças.

Nem tudo foi muito claro. Houve erros, desânimos, desconfiança e críticas. As críticas vinham também de paróquias tradicionais, de padres e de membros dos movimentos tradicionais. No entanto, embalada pelos movimentos sociais e políticos que cresciam nessa região, a pastoral popular foi-se integrando também nesse projeto. Essa foi uma colaboração que nasceu da própria prática e, assim, os desafios foram sendo enfrentados; mistura de otimismo e desconfiança, aventura e projeto. Outro fator a ser considerado nesse projeto religioso é o processo de industrialização e a urbanização. Não se trata de afirmar que a cidade seja menos católica do que a zona rural, mas repensar as estruturas paroquiais nesse novo modelo social. Como adequar uma pastoral de base nesse novo desenho social, político e cultural?

Na região do Sol Nascente e em outros setores da região industrial, por exemplo, não havia missa todos os domingos. Assim os leigos foram assumindo a liderança da Celebração do Culto e outras expressões religiosas. Como não havia uma organização paroquial tradicional, foi possível implementar novas manifestações religiosas, lideradas por leigos das comunidades. Neste período o grupo de liderança irá organizar um folheto de reflexão chamado “Caminhando”. Este folheto foi distribuído para as diversas comunidades. As reflexões partiam sempre de um fato da vida, seguido de um texto bíblico, reflexões e uma proposta de ação. Depois o folheto passou a ser usado também nas celebrações da missa, sem perder seu esquema inicial. Esse folheto chegou a ser distribuído em várias paróquias de Belo Horizonte e em outras dioceses o que significou em alguns anos uma tiragem de 27.000 exemplares por semana. Atualmente chega a 1000 exemplares por domingo e continua com o mesmo esquema. Neste ano está completando 31 anos de existência. Com essas reflexões, o projeto mantinha uma linha de unidade e de reflexão, ainda mais que o fato da vida tratava de

uma situação que envolvia a população, como, por exemplo, aumento da passagem do ônibus, greve de operários / de professores, mutirão para construção de casas, eleição, acidente em trânsito, dia do trabalho, e outros tantos temas.

A estrutura paroquial continuou na maioria das paróquias, mas alguns elementos novos foram introduzidos tais como, Círculos bíblicos, reflexões e encontros sobre a Campanha da Fraternidade, Círculos de Reflexão sobre Trabalho, Clube de Mães, Pastoral da Juventude. Em 1976 é aprovado o Plano de Pastoral da Arquidiocese de Belo Horizonte. Esse Plano discutiu e estudou a missão do leigo na Igreja, considerando as dificuldades e sua posição na estrutura tradicional da maioria das paróquias. O Plano tinha o objetivo de “Ser Igreja de Jesus Cristo no meio da grande cidade”.

È importante ressaltar que em todo esse processo, o principal agente que se vai operando no interior dessa prática e nova experiência são as camadas populares. São o “novo sujeito social” e o “novo sujeito eclesial”, usando uma expressão de Gustavo Gutierrez. Uma senhora de 70 anos, que trabalhava na década de 1970 e, atualmente desenvolve uma atividade na “Casa da mulher Trabalhadora” afirma:

A gente não tinha nada aqui no bairro. A estrada existia por causa dos buracos. Era preciso buscar água longe e na mão. As crianças tinham que atravessar uma ponte de madeira e andar mais de meia hora. Tudo começou na igreja. Tinha reunião, círculo bíblico, culto três vezes na semana. Quase todo domingo, a comunidade reunia e tratava dos problemas. Os padres falavam mesmo. Lam com a gente na prefeitura, chamavam os políticos. Com isso, foi formando uma liderança. Tudo que tem aqui hoje foi luta da gente.

Esse depoimento demonstra o desejo de unir, participar e agir em vista do bem da coletividade. Os laços de solidariedade marcaram seu lugar, ocuparam espaço e se fizeram presentes, por um lado. De outra parte, essas novas formulações do catolicismo resultaram do seu contato e entrosamento com a realidade histórica. Fruto de um exercício de aprendizagem. Convergência de desdobramentos, descobertas, intercâmbios e de uma pastoral mais dinâmica.

Em 24 de dezembro de 1978, realizou-se no bairro Eldorado, o 4º. Encontro dos líderes das CEBs do Setor Industrial. O Relatório está transcrito nesse mesmo texto e apresenta os trabalhos e as iniciativas das camadas populares. Nessa mesma direção foi incentivada na região a Missa do 1º. de Maio, na Praça da Cemig. Ali se reuniam pessoas de todos os bairros. Traziam faixas, cartazes e faziam encenações com motivos e demandas do povo. O texto da celebração era preparado por membros de todas as comunidades. As músicas

lembravam a caminhada do povo e vários fatos da vida abriam a celebração. Essa iniciativa ainda continua mobilizando os habitantes dessa região ainda hoje.

Seguindo os estudos de Danièle Hervieu-Léger (HERVIEU-LÉGER, 2003, 2008), a situação de mobilidade, típica de uma modernidade religiosa tecida pelas experiências pessoais, favorece a emergência de um outro cenário no campo religioso. Foi o que aconteceu com o catolicismo em Belo Horizonte. Assim, evidenciou-se nessa região um projeto significativo de “catolicismo militante”. Alimentou outras iniciativas junto aos trabalhadores na área industrial. Há-de se destacar a militância político-religiosa no município de Ibitaré na década de 1970. Inspirados na metodologia da Ação Católica (Ver – Julgar – Agir), na práxis sócio-política das CEBs, na Teologia da Libertação, na metodologia de Paulo Freire, esse grupo dinamizou práticas sociais, organizações de resistência e transformação social, animados pela consciência cristã, pela leitura da Bíblia, através dos Círculos Bíblicos. Com isso, foram criados, na região, vários núcleos e instrumentos de trabalho, tais como: a Seara do Senhor – espaço para reuniões, assembléias do clero, leigos e trabalhadores, formação bíblica e reuniões de Associações de Bairros; Grupo de Estudo e Trabalho e Educação Comunitária (GETEC); Centro de Estudos do Trabalho (CET); Jornal dos Bairros, Movimento de Luta contra a Carestia.

A propósito, lembro vários documentos da CNBB que eram estudados e discutidos em grupo, como também a troca de experiências, reuniões e ações concretas de cunho social e político.

Todo esse quadro fez com que muitos agentes de pastoral optassem, embora não exclusivamente, pela causa das camadas populares. Outro aspecto importante foi a organização e sintonia da ação pastoral. O tema da Campanha da Fraternidade dava o eixo de reflexão para todo o ano, sem com isso eliminar outras questões que apareciam e que exigiam um estudo e tomada de posição. Assim, em 1978 o tema: “Trabalho e justiça para todos” era retomado na celebração do 1º. de Maio, no mês da bíblia, na celebração do dia de Nossa Senhora Aparecida, no mês das missões e na novena de Natal. Com isso, eram feitas várias abordagens durante o ano. O ponto de partida era sempre a realidade o que dinamizava a pastoral e envolvia os participantes.

Como situei, o quadro histórico-social deste período era bastante conflituoso. Nesse horizonte, os problemas decorrentes do subdesenvolvimento econômico, como também do subdesenvolvimento das instituições sociais e culturais passam a ser um aspecto relevante na atuação dos católicos.

O distanciamento do poder estabelecido e a aproximação com a causa dos pobres fizeram com que o catolicismo, nessa região, alargasse seu horizonte. Os programas e as atividades de clérigos e leigos ganharam corpo – do singular ao plural.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Ana Maria. Depoimento para o Projeto de Pesquisa: “Depois do dilúvio a bonança”?, sob a coordenação do Prof. Mauro Passos, do Mestrado em Ciências da Religião.
- ANTONIAZZI, Alberto; NEVES, Lucília de Almeida, PASSOS; Mauro (orgs.). **As veredas de João na barca de Pedro**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2002.
- ARQUIDIOCESE EM NOTÍCIAS. Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, ano VII, Boletim no. 63, ma. / abr. 1976, p. 60-65.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. **Templo, praça, coração: a articulação do campo religioso católico**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil: de João XXII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **Catholicisme, fa fin d’un monde**. Paris: Bayard, 2003.
- _____. **La religion pour mémoire**. Paris: Éditions du Cerf, 2008.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da igreja no Brasil: hipóteses para uma interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- PAIVA, Vanilda. Teses sobre a igreja moderna no Brasil. **Religião e Sociedade**, n. 11, v. 1, 1981, p. 77-9.